



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



**“A ADAPTAÇÃO DE CLÁSSICOS COMO PRÁTICA
PEDAGÓGICA NO ENSINO BÁSICO”**

ERONITA FRITZ MACHADO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do título de

BACHAREL EM LETRAS

e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras - Habilitação
Bacharelado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa
da UFSC.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Zilma Gesser Nunes
Orientadora e Presidente da Banca

Prof. Dr. José Ernesto de Vargas
Membro Titular

Profa. Ma. Thais Fernandes
Membro Titular

Campus Universitário - Trindade - Florianópolis
Fone: 3721-9293 FAX: 3721-9817

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
BACHARELADO EM LETRAS
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

ERONITA FRITZ MACHADO

***A ADAPTAÇÃO DE CLÁSSICOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO
ENSINO BÁSICO***

**FLORIANÓPOLIS
2014**

ERONITA FRITZ MACHADO

***A ADAPTAÇÃO DE CLÁSSICOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO
ENSINO BÁSICO***

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Zilma Gesser Nunes

**FLORIANÓPOLIS
2014**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me dirigido e me dado forças para concluir mais esta etapa da minha vida acadêmica.

Agradeço especialmente a meu esposo Roque pelo amor, pela amizade e pela paciência demonstrada durante esse período. Igualmente agradeço a meus pais e irmãos que sempre me apoiaram e incentivaram em tudo.

À professora-orientadora Zilma, pela compreensão, parceria e disponibilidade nesse intenso momento de minha formação. Ter você como orientadora foi um privilégio.

Estendo meus agradecimentos a todo corpo de professores do Curso de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo apoio e pelo aprendizado proporcionado.

RESUMO

Este estudo foi concebido fazendo um recorte de leitura na literatura clássica latina e tem o objetivo de trazer à tona algumas considerações sobre o aspecto educativo da poesia trágica de Lúcio Aneu Sêneca. Para dar conta desse propósito utilizamos a obra *Medeia*, que é voltada para os pontos de vista filosóficos e formativos do autor. Além da tragédia de Sêneca, fizemos uso do texto *A vida feliz*, tentando focar na filosofia como uma forma de chegar com esses textos na aula de Língua Portuguesa e Literatura no ensino básico e oferecer aos alunos um primeiro contato com os textos clássicos. Este trabalho foi organizado em oito partes, sendo que ao longo da primeira e segunda partes apresentamos uma rápida visão sobre a vida e a obra do autor e sobre a tragédia grega; na terceira e quarta partes exibimos um relato de *Medeia* como um clássico, por sua temática, bem como evidenciamos a importância de ler os clássicos nas aulas de Língua Portuguesa. A quinta parte é voltada para os ideais filosóficos apresentados pelo autor nos dois textos, para o qual seguir os passos da felicidade é uma árdua tarefa, necessitando preencher os brancos da vida, com ideias e conceitos, juntar os pedacinhos esforçando-se para manter-se ético e moral, sempre e sem pressa. Na sexta parte é proposta uma reflexão sobre os conceitos de adaptação, procurando também ressaltar sua importância como uma forma que favorece e aproxima o leitor do ensino básico das obras clássicas. Para complementar, na sétima e oitava partes fizemos conhecer o que dizem os documentos oficiais e os desafios enfrentados pelo docente de levar os clássicos para a sala de aula, por meio das adaptações tentando comprovar, na prática, como os alunos aceitam e reagem a estas propostas através de alguns estudos e experiências realizados por professores.

Palavras-chave: Literatura Clássica. Sêneca. Estoicismo. Ensino básico.

ABSTRACT

This study aims to shed light upon some remarks on the educational aspects of the tragic poetry by Lucius Annaeus Seneca, departing from a selected scope on reading classical Latin literature. In order to engage in such task, we have used *Medea* as it is turned to the philosophical and formative points of view of its author. In addition to his tragedies, we have made use of his essay *On the Happy Life*, trying to focus on Philosophy as a path to insert these texts in Portuguese Language and Literature classes in basic education, offering students a first contact with classical texts. This study was organized in 8 parts, in which through Parts 1 and 2 I present a brief overview on the life and work of the author, as well as of Greek tragedies; Parts 3 and 4 present a report of *Medea* as a classic due to its theme, as well as some evidence to the importance of reading classics in Portuguese Language classes. Part 5 turns to the philosophical ideals presented by the author on both texts: that to pursue happiness is a hard task, where life's gaps need to be filled with ideas and concepts, putting the pieces together in order to stay ethical and moral, constantly and with no hurry. Part 6 proposes a reflection upon the concepts of adaptation, also to highlight its importance as a form that favors bringing basic education readers closer to the classics. As a complement, Parts 7 and 8 bring word of official documents and the challenges faced by teachers in taking classics to the classroom environment through adaptations, trying to prove in practice how students accept and react to these proposals through some studies and experiments performed by teachers.

Keywords: Classical Literature. Seneca. Stoicism. Basic education..

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	7
2. SÊNECA (por trás das aparências)-----	10
3. O GÊNERO TRÁGICO ----- (Caminhos norteadores)	15
4. ADAPTAÇÃO DO MITO DE MEDEIA EM EURÍPIDES E SÊNECA ----- (O clássico que se perpetua por sua temática)	17
5. RELEVÂNCIA DE LER OS CLÁSSICOS ----- (Clássicos: A poética de uma aprendizagem fortalecendo e ampliando conceitos)	19
6. UMA ANALOGIA ENTRE MEDEIA (A PERSONAGEM) E O TEXTO <i>A VIDA FELIZ</i> ----- (Trocando olhares: as teias que tecem a trama)	23
7. ADAPTAÇÃO ----- (O poder sugestivo da adaptação: a reescritura ultrapassando limites)	28
8. REFLETINDO SOBRE O IDEÁRIO DOS TEXTOS NA ESCOLA ----- (Os clássicos estabelecendo conexões)	31
9. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS ----- (Recortes e retalhos)	35
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	40
11. REFERÊNCIAS -----	44

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte de leitura da literatura clássica latina, tendo como objetivo principal trazer à tona algumas considerações sobre o aspecto educativo da poesia trágica de Lúcio Aneu Sêneca (I a. C. - 65 d. C.), considerando a formação do homem ideal, isto é, o sábio ou racional, aquele indivíduo que possui a capacidade de manter o controle de seus sentimentos, dos impulsos e das paixões.

Para o desenvolvimento do estudo, lançamos mão da obra de Sêneca *Medeia*¹ por apresentar na sua trama os pontos de vista filosóficos e formativos do autor. A fim de dar mais corpo ao texto, não somente nos utilizamos da tragédia de Sêneca, mas também do texto *A vida feliz*², através do qual Sêneca difunde as qualidades morais e éticas, preceitos básicos para o convívio com os outros e fundamentais para o bem viver, isto é, viver com sabedoria tendo como retorno imediato a felicidade do espírito e da alma. Pensando em proporcionar uma melhor reflexão, pesquisamos e utilizamos outros textos escritos e comentados por estudiosos do tema. Em consonância com essa proposta, projetamos ingressar nesse estudo perpassando e fazendo uma breve incursão sobre temas como a biografia do autor, a tragédia grega, a adaptação, bem como a relação entre literatura, leitura e escola, além do que dizem os documentos orientadores a respeito.

Seguindo essas reflexões, e diante do exposto acima, consideramos relevante compreender o contexto histórico em que Sêneca desenvolveu as suas ideias, contexto este marcado pelo helenismo³ e pelo estoicismo⁴.

O trabalho está organizado em oito partes. Na primeira, *Sêneca (por trás das aparências)*, são abordadas a biografia e algumas características da sua obra, em linhas gerais. Convém aqui destacar que Sêneca inspirou-se nas tragédias gregas, principalmente nas de Eurípides (485 - 406 a. C.), para criar suas peças. Apesar de inspirado nas tragédias

¹ SÊNECA. *Medeia*. In: *Obras*. Trad. André Bartholomeu. São Paulo: Pontes Editores, 1991. p. 79 – p. 110 e Notas: p. 122 – p. 135.

² Um tratado filosófico de sua autoria.

³ Civilização que se utilizava do grego como língua oficial, a partir das conquistas de Alexandre, o Grande (336 a. C.), até o domínio romano da Grécia, em 146 a. C. [...] civilização e cultura que se desenvolveram fora da Grécia por influência do pensamento e cultura gregos. (FUNARI, 2001, p. 76)

⁴ Doutrina fundada por Zenão de Cício (335-264 a. C.), e desenvolvida por várias gerações de filósofos, que se caracterizava por uma ética em que a imperturbabilidade, a extirpação das paixões e a aceitação resignada do destino são as marcas fundamentais do homem sábio, o único apto à experimentar a verdadeira felicidade [o estoicismo exerceu profunda influência na ética cristã]. (HOUAISS, 2009)

gregas, manteve o objetivo de contribuir para a formação do homem ideal, trabalhando com singularidade e com uma linguagem característica da época.

Na segunda parte, *O gênero trágico (Caminhos norteadores)*, esboçamos alguns pontos da tragédia, bem como alguns traços principais, o que servirá de instrumento para compreender melhor acontecimentos e personagens no decorrer da peça *Medeia*.

Na terceira parte, *Adaptação do mito de Medeia em Eurípides e Sêneca (O clássico que se perpetua por sua temática)*, destacamos que *Medeia* é um clássico, conforme corrobora Calvino, pelo conjunto de ideias reunidas, por isso apresentamos, ligeiramente, autores que adaptaram esse texto para as suas épocas e contextos, objetivando refletir sobre a complexidade humana.

Na quarta parte, *A relevância de ler os clássicos (Clássicos: A poética de uma aprendizagem, fortalecendo e ampliando conceitos)*, revisamos brevemente a literatura sobre o que é um clássico. Ao mesmo tempo, a partir das questões anunciadas na obra *Por que ler os clássicos*, de Calvino, salientamos a importância de ler os clássicos nas aulas de Língua Portuguesa, assim como incentivar sua leitura em sala de aula.

Na quinta parte, *Uma analogia entre Medeia (a personagem) e o texto A vida feliz (Trocando olhares: as teias que tecem a trama)*, a ideia é propor uma reflexão sobre os ideais filosóficos difundidos pelo autor e a personagem Medeia a partir do pressuposto de que para encontrar a felicidade basta apenas buscar a virtude e a razão, ou seja, viver com sabedoria. Para isso foi imprescindível, também, comprovar a relação dialógica entre eles, assim como refletir sobre o ideário dos dois textos.

Na sexta parte, *Adaptação (O poder sugestivo da adaptação: a reescritura ultrapassando limites)*, considerando os múltiplos conceitos de adaptação, procuramos realçar sua importância como instrumento que permite aproximar o leitor do ensino básico das obras clássicas. Assim, mostramos porque através das recriações ou adaptações são introduzidas obras de difícil acesso para o leitor com linguagem apropriada sendo uma ótima opção para que o aluno (leitor) mantenha um primeiro contato com os clássicos.

Na sétima e oitava partes, *Refletindo sobre o ideário dos textos na escola (Os clássicos estabelecendo conexões) e Parâmetros Curriculares Nacionais (Recortes e retalhos)*, respectivamente, ponderamos (apresentamos) a filosofia como via de chegar com esses textos na aula de Língua Portuguesa e Literatura. Em um segundo momento, reproduzimos alguns aspectos e orientações presentes nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* e na *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* e, através desses escritos,

propusemos uma reflexão sobre a aula de Língua Portuguesa, ensino de Literatura, leitura e o papel do professor e da tecnologia nesse processo e na prática educativa.

A partir de todo o processo e das discussões suscitadas no decorrer das leituras, chegamos às considerações finais, que ainda podem provocar outras reflexões futuras.

2. SÊNECA (POR TRÁS DAS APARÊNCIAS)

Eurípides, em 431 a. C., seguindo preceitos da poética clássica, produziu uma tragédia intitulada *Medeia* (mostra-nos a vingança da princesa feiticeira, a qual desprezada pelo amante, dele se vinga assassinando seus próprios filhos), um texto que Sêneca provavelmente deve ter conhecido. Sêneca, partindo do texto de Eurípides, cria a sua *Medeia*, fazendo a passagem da literatura grega para a latina, mas vai além, pois retoma o tema sob a ótica da filosofia estoica, para discutir e difundir seus ideais. Hoje, pode-se dizer sem receio, que em suas obras criou situações com riquezas de dados e de sutis reflexões a respeito do comportamento humano de qualquer época. Por isso consideramos importante conhecer um pouco mais a respeito da vida e da obra de Sêneca, antes de refletirmos sobre os textos propostos nesse estudo, e tecermos considerações sobre a relevância de levar esses mesmos textos para a sala de aula do Ensino Básico como proposta pedagógica.

O referido autor é reconhecido por um conjunto muito amplo de obras, igualmente por sua riqueza material e bens, pois era um homem de grande talento, considerado brilhante, além de ser, também, lembrado por sua sensibilidade. Além disso, possuía uma formação cultural que invejava a muitos conterrâneos da época, já que iniciou sua formação muito jovem, estudando com mestres estoicos e pitagóricos⁵.

De acordo com Sousa (2011), Lúcio Aneu Sêneca, provavelmente, nasceu entre os anos 4 a. C. e 1 d. C., na província da Hispânia, especificamente na cidade de Córdoba, na Bética, tendo morrido na Itália, no ano de 65 d. C.. Seu pai foi Aneu Sêneca, membro da ordem equestre.

Sousa (2011) destaca, ainda, que nos primeiros anos que viveu em Roma, dedicou-se à filosofia (estoicismo). A saúde debilitada prejudicou sua carreira política, apesar disso,

⁵ Segundo João Teodoro D'Olim Marote (2005), interessou-se também pela filosofia, começando pelo pitagorismo, com o filósofo Sotion, e passando, posteriormente, para o estoicismo, com os ensinamentos de Átalo. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2012/01/seneca-o-preceptor-o-conselheiro.htm>. Acesso: 16 de outubro, 2014.

no ano 31, tornou-se questor⁶, após exercer a advocacia e tornar-se membro do senado romano, durante o reinado de Tibério, quando voltou do Egito, onde tinha ido tratar da saúde. Tempos depois, motivado pela inveja, Calígula persegue-o com a intenção de matá-lo, mas não é bem sucedido em seu intento, já que foi assassinado antes de ordenar a morte de Sêneca.

Por meio da leitura de Sousa (2011), percebemos que sua vida foi cheia de acontecimentos marcantes. Em 41 d. C., acusado de adultério com a irmã de Calígula, foi mandado ao exílio por Cláudio Cesar Germânico, imperador da época. Permaneceu exilado durante oito anos na Córsega. Contudo, com a morte de Messalina, a primeira esposa de Cláudio, condenada à morte em 49 a. C., o imperador contrata matrimônio com Agripina. Essa união favoreceu o filósofo, pois Agripina já havia influenciado o marido para que ele adotasse seu filho, de outro casamento. Assim, a segunda mulher de Cláudio, chamou Sêneca do exílio, tornando-o tutor de seu filho (Lúcio Domicio), o futuro Nero.

Em 54 d. C., conforme Sousa (2011), após o assassinato de Germânico, filho de Cláudio e Agripina, Nero torna-se imperador, com a colaboração de Afrânio Burro, chefe da guarda imperial, e de Sêneca, seu conselheiro. Sêneca tenta orientá-lo para o caminho do bem e da justiça, obtendo alguns resultados positivos, pois ocorreu grande estabilidade durante os primeiros cinco anos deste principado, de 54 d. C. a 59 d. C.

Com efeito, uma nova fase se inicia em 59 d. C., com o matricídio praticado pelo imperador. Sêneca era muito bondoso com seu pupilo, por isso escreveu a carta enviada por Nero ao senado, na qual Agripina sofria a acusação de conspiração e a considerava suicida. Todos reconheceram o autor da carta, em consequência, sua fama ficou abalada, pois sua postura era incompatível com as concepções filosóficas que divulgava. Depois disso, Sêneca manteve-se próximo ao imperador durante mais três anos, pois em 52 d. C., Nero preferia outros conselheiros.

Tentou afastar-se, mas o imperador não lhe permitiu que se retirasse, nem aceitou a restituição, que ele pretendia, dos bens adquiridos durante o tempo em que fora seu preceptor e conselheiro. Mais tarde, após o incêndio de Roma em 64, Sêneca colocou, de novo, o seu patrimônio à disposição e desta vez a oferta foi bem recebida, pois Nero precisava de um acervo extraordinário de riquezas para os megalômanos projetos (entre eles, a célebre *domus aurea*), que o levaram a acusar de *maiestas*, crime contra o Estado na pessoa do imperador, numerosos romanos abastados, cujos bens cobiçavam. (SOUSA, 2011, p. 12-13)

⁶ Na antiga Roma, magistrado encarregado principalmente das questões financeiras. (HOUAISS, 2009)

Sêneca foi acusado de envolvimento na conspiração de Pisão em 65 d. C., quando recebeu ordens para se suicidar. Além dele, morreram igualmente os seus dois irmãos e o sobrinho Lucano. A morte do antigo preceptor agradou demasiadamente a Nero.

A breve biografia de Sêneca nos permite perceber que o filósofo era realmente um homem próspero, influente, evidenciado pela posição que desfrutava na sociedade romana da época.

Apesar de ser imensamente criticado por sua postura complacente à tirania e abusos de toda ordem praticado pelo imperador, além de ascender politicamente tornando-se membro do senado romano e encarregado das finanças, e seu discurso não condizer com seus atos, visualizamos um autor, como preceptor e conselheiro de Nero, preocupado com questões morais e éticas do momento, pois foi um participante ativo na vida política e social, além de inquietar-se com o dia a dia do povo, suas ideias, posturas e o viver em sociedade.

Por isso, procurou, através de suas tragédias, refletir sobre seus ideais estoicos, trazer Roma para os bons costumes e à razão, demonstrando-se contrário ao mundo de vontades descabidas, da violência, a expressão de um ideal prático de vida política, que se configura em moldes contrários aos do tempo em que viveu. Desta forma, se revela a originalidade do escritor latino: a tragédia da condição humana.

Em *A literatura latina*, Cardoso (1989) faz um estudo sobre os escritos de Sêneca, o filósofo, ou Sêneca, o trágico, salientando suas principais obras. De acordo com essa autora, apesar de terem-se perdido os poemas, os discursos e alguns dos tratados, conhecemos uma parte significativa da obra de Sêneca: uma coleção de dez tratados éticos, chamados *diálogos*, entre os quais três *Consolações*⁷ que reúnem o tom de carta e ensaio; além do mais, outros ensaios morais não inseridos na coleção anterior, uma sátira à natureza divina do imperador Cláudio, escrita numa combinação de prosa com poesia; *Metamorfose em abóbora* (*Apocolocyntosis*); dez tragédias, das quais três são de autoria duvidosa, e sete livros de *Questões naturais*, dedicados ao seu amigo Lucílio.

Cardoso (1989) relata que, escritos entre 37 e 43, os tratados (diálogos), são os seguintes: *Da tranquilidade da alma*, *Da ira*, *Da brevidade da vida*, *Da vida feliz*, *Da firmeza do sábio*, *Do ócio*, *Da providência*, *Consolação a Hélvia*, *Consolação a Políbio e*

⁷ Texto retórico filosófico dirigido a alguém, numa situação complicada, com o objetivo de confortar. (CARDOSO, 1989)

Consolação a Márcia. Escrita por volta de 42 e 43, a primeira *Consolação* de Sêneca (*Consolação a Hélvia*) teria como objetivo confortar a própria mãe durante seu exílio na Córsega.

Já a *Consolação a Políbio* (43-44), foi escrita a um liberto do imperador Cláudio, homem experimentado em letras que talvez tenha traduzido a *Eneida* para o grego e os poemas homéricos para o latim. A *Consolação a Márcia* (40-39), produzida antes do exílio, foi escrita com o intuito de levar alento a uma dama de Roma que acabara de perder um filho.

Sêneca, além disso, produziu outros ensaios morais, como: *Da clemência*, *Dos benefícios*, cartas morais (conjunto de cento e vinte e quatro), dispostas em vinte livros, as *Epístolas a Lucílio*, escritas na tradição da carta filosófica ou da crítica severa e mordaz. Os assuntos tratados nestas cartas (a riqueza, a morte, a felicidade) fizeram com que Sêneca fosse visto na idade média como um cristão que tivesse relação com São Paulo.

Somente depois de afastar-se de Roma, Sêneca dedica-se a escrever *As questões naturais* (*Quaestiones naturales*), nas quais ele reúne uma série de fenômenos naturais e fenômenos do universo examinando-os em uma dimensão estoica. Ele pretendia encontrar na natureza a base da ética estoica.

Dos estudos feitos acerca da vida e da obra de Sêneca, cabe citar que nos últimos anos de sua vida, ele escreveu *Sobre a constância do sábio* (*De constantia sapiens*), tratado no qual faz uma reflexão de como deve ser a atitude e como deve se comportar o estoico frente a ofensas e injúrias. Também, a essa época, escreveu *Sobre a vida feliz* (*De uita beata*), neste, propõe o ideal estoico de felicidade, baseada na virtude e não no prazer.

A leitura das obras *Medeia* e *A vida feliz*, permitiu-nos verificar que Sêneca é um autor preocupado com a sociedade romana da época em que viveu, isto é, o primeiro século depois de Cristo, sendo que tinha um objetivo mais amplo, ou seja, instituir uma sociedade melhor e ideal para todos. A obra do referido autor dialoga profundamente com sua história, isso significa dizer que sem conhecermos um pouco do contexto histórico da época não conseguimos alcançar o entendimento dos principais ideais difundidos em sua obra, já que o século em que viveu o autor foi repleto de fatos marcantes do ponto de vista social e de inquietações que atingem indivíduos e comunidades.

Percorremos novos caminhos, juntamente com os protagonistas, durante a leitura de *Medeia*, na qual Sêneca, após citar os personagens da peça (*Medeia*, a *Ama*, *Créon*, *Jason*, os filhos de *Medeia* e o *Coro de Coríntios*), faz um pequeno resumo do que

antecedeu a tragédia. A partir daí, começa a desenrolar a história:

O pai de Jason, Éson, reinava em Olco (Tessália), mas foi destronado por Pélias, seu irmão. Jason, como herdeiro, pediu ao tio que devolvesse o trono. Ele, para livrar-se do sobrinho, pediu que o jovem conquistasse o *Velo de ouro*, guardado num bosque da Cólquida.

Jason, com o intuito de recuperar o que era seu por direito, organizou uma grande expedição e partiu com sua tripulação no navio Argos. Para conseguir o objetivo, Jason teve a ajuda de Medeia (filha de Aietes, rei de Cólquida), que se apaixonou por ele e juntos fugiram.

Entretanto, quando retornou a Iolco vitorioso, soube que Pélias já tinha matado seu pai. Assim, usando os feitiços de Medeia, que convenceu as filhas do rei a esquartejarem o pai e cozinhar os pedaços, mentindo que era para rejuvenescê-lo, vingou-se do tio. Com esse feito, Jason não conseguiu recuperar o reino, sendo que assumiu o trono Acasto, filho de Pélias, que perseguiu Medeia e Jason até Corinto, onde foram acolhidos por Créon.

Nesse momento, começa a tragédia, narrada por Sêneca, pois Jason deixou Medeia para casar-se com a filha de Créon, Creusa.

Na introdução da peça, Medeia pensou na vingança a Jason. Pediu a morte do sogro e da nova esposa e de toda a família real, invocando os Deuses: pediu-lhes coragem e crueldade para efetuar a vingança mais terrível que a morte e, para por em prática o maior crime que já cometeu:

Tudo isso eu fiz, quando virgem; é preciso que minha dor se levante mais terrível: agora que sou mãe, meus crimes devem ser maiores. Arma-te de cólera, prepara-te para aniquilar com um furor que vai até o paroxismo. Que a cena da tua renúncia seja igual à de tuas núpcias! Como deixarás o teu esposo? Como o seguiste. Sufoca tuas moles perplexidades! Esta casa, onde tu entraste por um crime, por um crime deves deixá-la [sai]. (SÊNECA, 1991, p.81)

No enredo dessa tragédia, o ponto de destaque de *Medeia* é o ódio sobrenatural em que se transformou seu amor por Jason, quando este a rejeitou para casar-se com a filha do rei; além disso, o pai da noiva, Créon, rei de Corinto, decretou a expulsão de Medeia e de seus filhos do reino.

Os sentimentos de Medeia em relação ao marido se transformam no desenrolar da trama, pois de esposa traída e infeliz, inconformada com seu triste fim passa a ser

dominada por um desejo extremo de vingança, que não considerou obstáculo ao praticar essa maldade, contanto que obtivesse vingança extrema contra o marido infiel.

Então, pensando quão interessante seria entender esse enredo, optamos por primeiramente caracterizar, de forma breve, o gênero trágico e as tragédias de Sêneca e submetê-lo a sua apreciação.

3. O GÊNERO TRÁGICO (CAMINHOS NORTEADORES)

A partir da leitura da obra de Sêneca, conseguimos traçar alguns pontos da tragédia e suas características, o que ajudará a compreender melhor acontecimentos e personagens no desenrolar da peça.

A tragédia grega atingiu o auge, entre os séculos VI e V a. C., com os textos de Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Aristóteles, no séc. IV a. C., forma uma teoria da tragédia, determinando suas principais características.

A tragédia latina, segundo Cardoso (1989), também é oriunda da grega, igualmente como a comédia e a epopeia. A tragédia helênica possuía caráter extremamente religioso, advindo do ditirambo⁸. O surgimento da tragédia foi marcado pelo revezamento entre o coro e um só cantor, tendo um determinado momento em que um ator tomava lugar do cantor, representando o texto através de movimentos e gestos. Na sua evolução, passou a ter estrutura formal, tratando temas mitológicos, históricos, apresentando um enredo, no qual se sucede e progride uma ação. Depois, passou a formar-se de episódios encenados por atores, revezados ou misturados com cânticos corais.

Cardoso (1989) afirmou, na obra *A literatura latina*, que apesar de muitos escritores latinos terem se dedicado à produção de tragédias, nenhuma permaneceu até nossos dias, temos somente fragmentos de obras. Podemos destacar, nos períodos de Cícero (80 a. C. - 43 a. C.) e Augusto (43 a. C - 14 d. C.), que foram importantes para a dramaturgia trágica latina: Cássio, Quinto, Cícero, Balbo, Vário Rufo, Ovídio, Marmeco Escauro, Pomponio Segundo, mas também, de seus escritos, pouca coisa se preservou.

Através de Cardoso (1989), temos a oportunidade de conhecer os registros sobre o trageógrafo Lucius Aneu Sêneca. Entre o período de 4 a. C. e 65 d. C., compôs nove tragédias, inspiradas principalmente em Eurípides. *As fenícias (Phoenissae)* estão incompletas. As outras foram conservadas na íntegra: *A loucura de Hércules*

⁸ Poema cantado, em festividades, em homenagem aos deuses. (CARDOSO, 1989)

(*Herculesfurens*), *Hércules no Eta* (*Hercules Oetaeus*), *Édipo* (*Oedipus*), *Fedra* (*Phaedra*), *Medeia* (*Medea*), *Tiestes* (*Thyestes*), *Agamenão* (*Agamemnon*), *As troianas* (*Troades*). É atribuída a ele, também *Otávia* (*Octavia*), entretanto, a crítica considera-a obra apócrifa.

Apesar de suas tragédias serem consideradas sem teatralidade, possivelmente por terem sido escritas para a leitura e não para espetáculo teatral, Sêneca é o último autor romano a se revestir de importância literária na Roma Antiga.

No séc. I d. C., o teatro, seguindo modelo clássico, já não seduzia tanto o auditório.

Sêneca escreveu peças para serem lidas, possivelmente, em sessões públicas frequentadas por uma elite familiarizada com os velhos mitos e habituada com textos em que os aspectos retóricos eram valorizados acima de tudo. Inspiradas nas tragédias áticas e apresentando, por vezes, a utilização de processos de “contaminação”, as peças de Sêneca revelam, contudo, muitos traços de originalidade. (CARDOSO, 1989, p.48)

Em se tratando da progressão da ação, as peças de Sêneca, são bastante paradas, diferentemente das gregas. É inexistente, também o clímax. Muitas vezes, a catástrofe é algo esperado, pois a situação é problemática desde o início. Cenas de violência e pavor são marcantes, tornando difícil a representação.

O tom religioso que era característico da tragédia grega, nos primórdios (Ésquilo e Sófocles) sobrepuja na tragédia de Sêneca, na qual o destino (*o fatum*) tem seu papel ofuscado pela força interior que emana do próprio homem.

Sêneca teve grande influência sobre a literatura posterior:

[...] principalmente sobre a dramaturgia que retoma os temas trágicos, a partir do renascimento. São seus tributários, entre outros, Gibaldi Cinzio, L. Dolce, Speroni, Mondella e Foscolo, na Itália; de La Pérouse, P. Mathieu, R. Garnier, Corneille, Racine, Pradon e Crebilon, na França; Daniel, Greville, Kyd, Marlowe e Shakespeare, na Inglaterra. (CARDOSO, 1989, p.52)

Já na antiga Roma, todavia, posterior a Sêneca, a tragédia começa a perder força como forma literária.

Segundo Eutrópio – epitomador do séc. IV d. C. – o imperador Tito teria escrito tragédias em grego, que, todavia, não sobreviveram. Não restou também – a não ser os títulos – dos poemas trágicos compostos por Memor, Rubremo, Lapa, Pácio, Basso, e outros escritores, posteriores a Sêneca. Dessa forma em que pesem os defeitos que possam ser atribuídos ao poeta-filósofo, apenas ele teve condições de legar-nos exemplos de uma espécie literária que desfrutou no passado, de momentos de glória e de esplendor. (CARDOSO, 1989, p.52)

O próprio Sêneca é um clássico e alicerçado no projeto do poeta-filósofo de escrever tragédias adaptar ou reescrever permite-nos chegar em *Medeia*, um clássico, no qual o mito se molda a diferentes épocas sendo lido, relido, reescrito e adaptado.

4. ADAPTAÇÃO DO MITO DE MEDEIA EM EURÍPIDES E SÊNECA (O CLÁSSICO QUE SE PERPETUA POR SUA TEMÁTICA)

Medeia, como os demais textos que fazem parte do panteão literário da antiguidade, é alicerçada na tradição lendária, na qual o mito⁹ é objeto de reflexão. É um clássico, conforme destaca Calvino, lido em todas as épocas, por sua temática, é uma filosofia antiga que está esboçada nesse texto. Tanto no tratado filosófico *A vida feliz*, quanto na tragédia *Medeia*, Sêneca trata dessas questões e as discute, pois são temas universais e inerentes ao ser humano.

É um mito presente na cultura grega e latina, que tem uma relação de intertextualidade com outros textos, pois *Medeia* é igualmente perpassado por muitos outros mitos. Cabe citar o velo de ouro e a expedição dos argonautas:

Quando a célebre Argos, nau de Jasão, estava prestes a partir, o povo ao porto se apinhava para ver tantos heróis numa aventura quase sem retorno. Com Jasão seguiriam todos eles para a conquista do velo de ouro nas torturantes regiões da Cólquida. Não o faziam por heroísmo, ou por vaidade. [...] Era para o povo que um herói era de fato herói. Não arriscar a vida era ofender o bem comum, a fama, a glória e a virtude que os homens tinham dos deuses. (STEPHANIDES, 2000, p.183)

Antonio Medina Rodrigues (2000) cita em *Mitologia Helênica*, que os mitos vêm de lugares e tempos diversos. Segundo ele não se sabe quem é mais antigo, se Aquiles ou Prometeu e lembra ainda, que Homero e Hesíodo produziram narrativas mitológicas, sendo que na *Ilíada* e na *Odisseia* o divino intervém na vida, pois os Deuses se entregam a ela, tal qual se entregam os homens. Por isso muitos leitores leem e gostam das inúmeras histórias contadas e recontadas dos mitos, suas viagens enfrentando perigo e aventuras.

As palavras de Calvino (1993), anotadas na obra *Por que ler os clássicos*, enfatizam que é por meio da leitura de bons livros que o leitor será capaz de descobrir e

⁹ Relato fantástico de tradição oral, geralmente protagonizado por seres que encarnam as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; Lenda (os mitos da Grécia antiga), (o mito de Narciso) (HOUAISS, 2009)

vivenciar experiências únicas. Declara que tanto jovens como adultos vivenciam emoções similares no ato de ler as grandes obras, por isso faz essa definição de clássico:

Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado: mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los. (CALVINO, 1993, p.10)

Para ele, a obra clássica deixa sua marca:

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. (CALVINO, 1993, p.10-11)

Ao longo da história da humanidade, as Medeias se multiplicam. Os autores adaptam seus textos a épocas e contextos, objetivando refletir sobre a natureza humana, quer seja na linha dos sentimentos e emoções que dominam o homem ou num plano sociopolítico, pois tudo isso o mito reúne.

De acordo com Cury (2001), Eurípides encenou a *Medeia* em Atenas, pela primeira vez em 431 a. C., depois de Neofron ter apresentado a sua *Medeia*, com data incerta. Através dos tempos o tema de *Medeia* tem atraído a atenção de outros dramaturgos, desde Sêneca até Anouilh, passando por Corneille do teatro clássico francês.

Na atualidade, podemos destacar no cinema, o filme de aventura *Jasão e o velo de ouro*, com o título original *Jason and the argonauts* (1953) e direção de Dan Chafey, produzido no Reino Unido/EUA e o filme *Medeia*, dirigido por Paolo Pasolini (1969), com Maria Callas fazendo o papel de Medeia. Na literatura brasileira, Chico Buarque de Holanda com a colaboração de Paulo Pontes adaptaram a história para o morro carioca, no poema *A gota d água* (1975), no qual relatam a vida difícil dos moradores do bairro Vila do Meio-Dia, entre os quais se encontram Jasão e Joana. Ele é um compositor que deixa a mulher com quem vive para se casar com Alma, a filha do prepotente empresário Creonte, que é praticamente o dono do bairro.

Na década de 1960, vale lembrar um crime terrível, praticado no Rio de Janeiro, por uma mulher que abandonada pelo amante, sequestrou uma das filhas dele e matou-a com requintes de crueldades para fazer o amante sofrer. Essa mulher foi denominada pela imprensa de *Fera da Penha*.

Os seres humanos não mudaram com o passar dos anos. Nesse sentido, podemos mencionar a reconciliação simulada de Medeia com Jason para alcançar seu objetivo. Merecem destaque também, os erros de Jason e Medeia que advêm de seus próprios atos e não são atribuídos ao destino ou a um deus lesivo. Observamos o desenrolar da vida humana em termos de limitações e de livre escolha do bem ou do mal. As reescrituras são construídas de acordo com o público a que se destinam, por isso pode-se entender que o leitor ao se dedicar a essa saga de leitura percebe um universo fascinante nos clássicos. Assim, a seguir exploramos e analisamos os clássico como uma poética que fortalece e amplia conceitos.

5. RELEVÂNCIA DE LER OS CLÁSSICOS (CLÁSSICOS: A POÉTICA DE UMA APRENDIZAGEM FORTALECENDO E AMPLIANDO CONCEITOS)

O texto e o tema da *Medeia* são produzidos de tal forma que têm atraído muitos que a consideram uma obra prima, desde Eurípides e de Sêneca. A cada tradução, leitura ou releitura, tem-se uma descoberta de detalhes permitindo novas versões e adaptações, por isso é considerada um clássico da literatura greco-latina.

Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...”. (CALVINO, 1993, p.9)

Seguindo as reflexões de Calvino (1993), para o qual a leitura de um clássico é sempre uma releitura:

Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira.
Toda a primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura.
Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.
(CALVINO, 1993, p.11)

Para Lajolo e Zilberman (2009) facultar ao aluno o domínio da leitura e escrita é papel da escola constituindo-se no principal espaço de desenvolvimento dessas habilidades, no qual o professor é o principal agente. Isso ocorre também com o clássico, por isso o professor deve estar ciente de sua responsabilidade por levá-los para a sala de aula e o aluno fará a viagem pelos caminhos e rotas traçados pelo autor em diferentes épocas entrando no fascínio de histórias e enredos.

Assim o aluno leitor permite que “os seres enclausurados no livro escrito soltam-se na leitura de estranhos que com eles se familiarizam”. (Lajolo e Zilberman, 2009, p.14).

É preciso compreender, ao ler um clássico, que a leitura é condição de escrita e que os clássicos são atravessados por leituras anteriores:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (CALVINO, 1993, p.11)

Da mesma forma, todas as reescrituras de *Medeia*, trazem seus principais traços filosóficos ou temáticos. Passado e futuro, por sua vez, são capazes de estabelecer um vínculo intemporal, no sentido de perceber um passado compartilhado, compreendido como uma tradição e, igualmente, a ideia de um futuro comum, isto é, a tradição pode unir, em detrimento às diferenças culturais e sociais existentes. A literatura e a leitura dos clássicos podem facilitar o caminho a ser percorrido na sala de aula. *Medeia* mostra que a natureza humana é por essência corrompida, já no tratado filosófico *A vida feliz*, vislumbramos uma concepção mais otimista do homem, a qual procura harmonizar a razão e a fé partindo do fato de que o progresso do ser humano depende não só da vontade divina, mas do esforço do próprio homem.

Desse modo, ao mesmo tempo em que lemos os clássicos e proporcionamos o acesso a eles, podemos contribuir para as transformações sociais e preservação dos valores essenciais para que o homem viva harmoniosamente em sociedade.

Calvino (1993) aconselha fazer a leitura direta dos originais, fugindo, se possível, de comentários, interpretações, bibliografia crítica, isto significa ler os clássicos sem intermediários:

Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe. (CALVINO, 1993, p.12)

No que concerne à leitura das obras consagradas, Ramos e Corso (2013) escrevem que é necessário resgatar escritores clássicos universais para leitores de todas as idades, reforçando a ideia de uma formação prematura do aluno leitor e direcionada para uma literatura com bons textos, sem adjetivação excessiva, cortes e adaptações, apesar de estarmos em uma época em que muitas leituras podem ser realizadas fora das estantes, isto é, com jornais, revistas, tela do computador, etc.

O clássico normalmente nos remete a alguma coisa que já sabíamos, mas ignorávamos que ele já havia sido dito primeiro:

Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos. (CALVINO, 1993, p.12)

Entretanto, Calvino (1993) diz que a escola tem o dever de facultar ao aluno o conhecimento de certo número de clássicos, para que depois, a partir dessa relação, ele possa identificar os *seus* clássicos. Capacitar o aluno para realizar a opção de ler desinteressadamente, é um dos deveres da escola. Por isso, mais do que os citados, chegue-se a essa definição de clássico:

Chama-se clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs. (CALVINO, 1993, p.13)

O conceito acima esclarece o que é um clássico, mas precisamos atentar para o fato de que a obra clássica também pode instituir uma relação de contraste, oposição. Instiga o leitor a criticá-la, contradizê-la:

O seu clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele. (CALVINO, 1993, p.13)

Isso significa que a palavra *clássico* serve tanto para uma obra antiga quanto para uma obra moderna, mas com um lugar definido numa continuidade cultural:

Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia. (CALVINO, 1993, p.14)

Sabemos que ensinar Literatura na atualidade não se restringe apenas a trabalhar com os livros materializados, pois vivemos em uma época em que a indústria cultural não tem limites, os avanços tecnológicos são constantes, sendo que as influências midiáticas são muito fortes e que os textos clássicos são substituídos por outras leituras. Outro grande desafio é a dinâmica da globalização. Contudo, acreditamos que os recursos midiáticos e tecnológicos podem, igualmente, contribuir para levar *Medeia* e o tratado filosófico *A vida feliz* para a sala de aula. Entretanto, lançamos uma pergunta: Como? Já que vivemos em um momento em que, muitas vezes, os textos considerados clássicos são substituídos, na

sala de aula, pelos produtos da indústria cultural?

O estudioso Calvino (1993) destaca vários autores e obras, exemplifica citando o nome de: Lucrécio, Luciano, Montaigne, Erasmo, Quevedo, Marlowe, o *Discours de la méthode*, Wilhelm, Coleridge, Ruskin, Proust e Valéry para dizer que poderíamos ler todos definindo *de onde* eles estão sendo lidos, pois sem isso, livro e leitor perdem-se em uma *nuvem atemporal*. Aconselha a leitura dos clássicos intercaladamente com leituras do tempo presente. E adiciona:

É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo. (CALVINO, 1993, p.15)

É clássico aquilo que persiste como Rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível. (CALVINO, 1993, p.15)

De qualquer modo, não se pode ignorar o desafio de mudar hábitos de leitura, o que implica a capacidade de gerar e formar leitores, em um ambiente limitado. Medir, portanto, toda a complexidade dos méritos e deméritos, da leitura dos clássicos, é incursionar em terrenos movediços, entretanto os aplausos e reconhecimentos podem ser mais abundantes que as críticas, quanto ao fato de apoiar essa estratégia.

Na nossa acepção, a leitura constitui um discurso que se revela em textos, em emblemas, em problemas, em tomadas de decisões, em políticas. Ela dispõe de antigas e novas tecnologias, como foi o seu tempo a escrita em pedra e é, hoje, a edição de textos por *softwares* de transmissão eletrônica. Ela – a leitura – invade modos de comunicação públicos e privados, tais como, de um lado, jornais, *outdoors* e anúncios e, de outro, cartas e confissões. Manifesta-se em gêneros da oralidade e produtos impressos: provérbios populares ou declamações em praça pública, por uma parte, romances e crônicas veiculados pela indústria tipográfica, por outra. (LAJOLO E ZIBERMAN, 2009, p.21)

Apesar das dificuldades que podem surgir no desenvolvimento das aulas de Língua Portuguesa e Literatura acreditamos que os desafios devam servir de estímulo para o docente, cumprindo um papel fundamental na formação do aluno como cidadão. O aluno é o sujeito da história, é um cidadão com voz e direito. Portanto, ele é o centro, o ponto de partida. Assim sendo, estimular a leitura dos clássicos pelos alunos precocemente contribui para ele perceber que há um mundo infinito a explorar na leitura, dependendo apenas da sua seleção.

Empreender ações inovadoras para tornar os clássicos acessíveis ainda é pouco explorado, tornando-se um desafio mudar, por isso procuramos mostrar outras possibilidades, proporcionar uma reflexão que subverta e contribua para o debate.

Com base nessas observações, na sequência sistematizamos uma analogia entre a personagem Medeia e o texto *A vida feliz*.

6. UMA ANALOGIA ENTRE MEDEIA (A PERSONAGEM) E O TEXTO A VIDA FELIZ (TROCANDO OLHARES: AS TEIAS QUE TECEM A TRAMA)

Para Sêneca, a filosofia é um dos caminhos para a virtude¹⁰ (*uirtus*), que se iguala com o soberano bem. Por isso, o homem deve dar importância, acima de tudo, à trajetória em direção à virtude. Para que isso ocorra, deve aceitar o que a vida lhe oferece e sujeitar-se apenas à razão (*ratio*), tendo como objetivo manter a tranquilidade de espírito. Pois o sábio deve lutar pelo que é correto e desejável, do ponto de vista da moral, da religião e do comportamento social. No tratado filosófico *A vida feliz*, Sêneca destaca alguns passos para se chegar à felicidade:

Gallione, meu irmão, todos os homens desejam a felicidade, mas nenhum consegue perceber o que faz a vida tornar-se feliz. É meta tão difícil de conseguir que, em se tomando o caminho errado, quanto maior a pressa, maior a distância do objetivo. Quando o caminho conduz à direção adversa, a velocidade amplia a distância. Necessário, pois esclarecer primordialmente qual o limite a ser atingido; depois refletir os meios de alcançá-lo mais rapidamente, para compreender durante o percurso se a tarefa é justa e o quanto se progrediu cada dia e assim se aproximar do objeto de nosso desejo. (SÊNeca, 1991, p. 23)

A via em direção à virtude é difícil, demorada e muitas são as provas, mas a queda da virtude é rápida e definitiva. Uma vez que a divindade não intervém na área do humano, compete ao homem escolher um dos caminhos praticáveis. Desta forma, a virtude, sendo

¹⁰ Segundo Santos (2002) para os estoicos “a virtude é definida como um saber. Sem sair da esfera da natureza, já que a razão é imanente à natureza, penetramos assim na esfera da moralidade, [...] interiormente transformada pelo advento da razão, deve se propor: ‘a vida conforme à natureza, isto é, segundo a virtude’ ou, segundo ainda uma precisão dada por Crísipo: ‘viver segundo a virtude equivale a viver conforme à experiência das coisas que acontecem naturalmente’; ele acrescenta que por natureza ‘é preciso entender tanto aquela que é própria do homem quanto a do Todo’. Definida como um saber a virtude se especifica nas quatro virtudes fundamentais ou cardeais: a prudência, a justiça, a coragem e a temperança - elas próprias subdivididas em uma quantidade de virtudes particulares -, mas que são, na realidade, inseparáveis e formam um corpo indissolúvel: nenhuma pode se realizar sem arrastar todas as outras consigo.

resultado de uma escolha, desse caminho advirá sempre a punição, não podendo fugir do castigo merecido quem o segue e receberá ainda em vida. Das suas palavras podemos destacar:

Não fará diferença que eu diga 'O sumo bem é característica de um espírito que despreza os dons incertos da sorte e se compraz da virtude', ou 'é uma força invencível da vontade, experiente, calma nas ações, rica de humanidade e atenção para quem se avizinha'. Pode-se definir o homem feliz como aquele que desconhece outro bem ou outro mal senão uma virtuosa ou perversa vontade, cultivador da honestidade e satisfeito em ser virtuoso, que não se abate nem se exalta com os rumos de seu fado e que não conhece bem maior do que o bem que consegue alcançar por si e que, tem como verdadeiro prazer o desdém dos prazeres. (SÊNECA, 1991, p. 28)

Medeia, buscando a felicidade no amor de Jason, deixou de lado toda essa filosofia, seguindo o caminho da vingança. O homem reto e justo preocupa-se com a felicidade da alma que vem de ações e atitudes buscadas na consciência, voltadas para a razão, preceitos do bom senso, tais como: resignação e complacência. Se ela tivesse isso tudo imbuído no seu caráter teria seguido a sua própria vida e não teria cometido o crime de matar os filhos.

Um dos traços que caracteriza os personagens de *Medeia* é a luta que se trava, no mundo exterior, entre a razão e as paixões. Enquanto na tragédia grega o homem está na mão do destino, submetendo-se à vontade dos deuses (herói trágico grego) não tendo possibilidade de escapar do que foi traçado para si com antecedência, na tragédia latina existe a possibilidade de escolha. A tragédia não é provocada por forças alheias ao ser humano, exteriores e superiores, ela é desencadeada pelo próprio homem no momento em que cede às paixões e repudia a razão.

Medeia revela a luta que se trava em seu íntimo e a firme resolução ali gerada:

Assim como quando os ventos lutam entre si cruelmente e lançam para opostas direções as ondas do mar, umas contra as outras, e o oceano se agita indeciso, assim são as indecisões de meu coração: a ira expulsa a piedade, a piedade expulsará a ira. [...] Agora os meus filhos, em lágrimas e gementes, serão atacados à força de meu peito... Que o pai os perca: a mãe já os perdeu. Novamente cresce minha dor e meu ódio ferve. (SÊNECA, 1991, p. 107-108)

Os que seguiam a filosofia estoica, como Sêneca, não criam em punições extraterrenas. Eles criam na razão e na racionalização que estão no estoicismo, ser senhor das emoções.

A partir do tratado *A vida feliz*, Sêneca procura demonstrar que o homem precisa

ter controle de seus próprios atos e ações. Esse controle se daria com uma vida alinhada com a natureza e próximo da razão, sendo que a *ratio* contribuiria para reprimir as fraquezas desse homem desorientado e atormentado.

Então, feliz o homem dotado de reto juízo; feliz quem se contenta com seu estado e condição qualquer que seja, e aprecia o que é de sua posse; feliz quem confia à razão a gerência de toda a sua vida. (SÊNECA, 1991, p. 31)

Não sem razão, ele insiste ao longo do tratado filosófico em demonstrar que a verdadeira felicidade está baseada na incessante busca de uma vida virtuosa, deixando de lado os prazeres, impulsos mesquinhos, desejos superficiais e passageiros, além de não se deixar abater pelos infortúnios e desejos de vingança. Contudo, Medeia não segue esses preceitos, pois arrependida por tudo o que fizera por Jason, solitária e abandonada escolhe uma melhor forma de se vingar, a morte de Creusa surge claramente em seus pensamentos:

[à ama] E tu, minha fiel ama, companheira de minha dor e de meu instável destino, ajuda meus tristes desígnios. Tenho um manto, dádiva divina, orgulho da minha casa e do meu reino: dádiva que o Sol deu a Aietes como sinal de sua origem. Tenho também um colar reluzente – malha de ouro, onde pedras preciosas fazem ressaltar ainda mais o metal – com o qual costumo cingir os cabelos. Os meus filhos levarão à esposa esses presentes, que eu quero impregnar e embeber em sinistros filtros. Imploremos a proteção de Hecate. Prepara o sacrifício fúnebre, estejam prontos os altares, logo a chama crepite no palácio [saem]. (SÊNECA, 1991, p. 98)

Medeia, movida por um profundo desejo de vingança arquitetou um plano para atingir seus inimigos e vingar-se deles. Atitude condenada por Sêneca em seu tratado filosófico, ao mesmo tempo em que há o elogio da vida virtuosa, isto é, boa, há a crítica a uma vida viciosa, portanto má, aconselhando ao homem aceitar tranquilamente o que lhe sucede, sem lamentar-se das imposições do destino, aceitando cada acontecimento bom ou ruim que lhe seja imputado pela vida.

A verdadeira felicidade apoia-se na virtude. E o que te aconselha a felicidade? A considerar um bem que emana da virtude e um mal que brota da perversidade. Além disso, aconselha-te a manter firmeza em resistir ao mal e na perseguição do bem, de tal maneira a reproduzir em si, na medida do possível, a imagem de Deus. E que te promete virtude em troca de tal tarefa? Grandíssimos dons semelhantes aos dos deuses: a nada te forçarão nem sofrerás necessidades. Serás livre, seguro, a salvo de toda ameaça. Tuas tentativas terão êxito e nada te será vetado; tudo acontecerá na conformidade dos teus desejos. A adversidade correrá ao largo das tuas esperanças e tua vontade. (SÊNECA, 1991, p. 45-46)

Jason, que se deixa submeter por Créon, recebendo proteção e riquezas materiais, quebrando os laços com Medeia, reflete a fraqueza de caráter também censurada por Sêneca em *A vida feliz*. Ele não respeita sequer os deuses por quem jurara a Medeia amor eterno. A quebra desse juramento de amor culmina com a quebra do vínculo com a princesa da Cólquida, mas um grande amor merece mais do que isso. Essa ingratidão, o casamento dele com a filha do rei Créon, segundo Medeia alimenta seu desejo de vingança, além do desejo de Jason por riquezas e bens materiais, também, condenado por Sêneca, pois o prazer proporcionado por riquezas não traz felicidade:

Observa Nomentano e Epício, que devoram, - como admitem - todo bem divino colhido da terra e do mar, animais de caça do mundo inteiro servidos em sua mesa, observa-se estendidos em leitos de rosas na contemplação das viandas e manjares, alegrados com canções, olhos embevecidos nos espetáculos, paladar para tantos sabores, corpos aquecidos na tepidez de macios e delicados tecidos, e para que gozem também seus narizes, por onde cultuam ritualmente a sensualidade, impregnam-se de perfumes raros. Tu dirás que esses vivem em pleno prazer. Entretanto, não são felizes por não usufruírem o verdadeiro bem. (SÊNECA, 1991, p. 38)

Sêneca destaca ainda que o homem sábio não busca as riquezas:

[...] ‘que diferença há entre o tolo que sou e o sábio que és, se ambos temos ganância de posse? Uma grandíssima diferença: a riqueza é serva na casa do sábio e senhora na casa do néscio. O sábio não cede a ela e vós sucumbis. É tal o apego e o hábito que parece o cumprimento de promessa que alguém lhes fizesse. Não o sábio que fruindo a riqueza tem a pobreza em mente. (SÊNECA, 1991, p. 62)

As motivações de Medeia e o fato de possuir conhecimentos de artes de magia lhe favorecem. Por isso, através do sucesso alcançado com as mortes de Creusa e do pai, bem como o incêndio que destruiu o palácio, fica segura quanto à conclusão da vingança contra Jason. Mata um dos filhos, sobe ao telhado da casa carregando o menino já morto, inclusive, obrigando o filho que ainda estava vivo a segui-la. É nesse momento que chega Jason e assiste a morte do segundo filho.

Tu me pedes piedade. Então eis: está feito [mata o outro filho]. Ó minha dor, não tenho mais nada para sacrificar. Levanta teus olhos cheios de lágrimas, ó ingrato Jason. Reconhece tua esposa? [um carro puxado por duas serpentes desce do céu] É desta maneira que eu costumo fugir. Abre-se, diante de mim, o caminho do céu; estas duas serpentes apresentam docilmente seus pescoços escamosos ao jugo. Recebe agora os teus filhos, ó pai [joga aos pés de Jason os cadáveres dos

dois filhos]. Eu vou levantar-me no ar sobre este carro alado [sobe com a ama no carro e desaparece além das nuvens]. (SÊNECA, 1991, p. 110)

A Ama acompanha a sua senhora, como em toda a peça, nesse momento está junto com ela. Mas suas ações, atitudes e conselhos sempre em oposição ao excesso que Medeia representa. A ama apresenta-se sempre cautelosa, aconselhando constantemente a moderação. Das suas palavras sobressaem tanto a necessidade da justiça quanto do bem e também o uso da razão, conforme aconselha Sêneca. Apesar disso, Medeia mantém-se impetuosa e incontrolável, personificando a mulher revoltada que perde o marido, por quem tinha deixado o reino e a família.

O tratado filosófico *A vida feliz* pretende mostrar o caminho para a felicidade e a aprendizagem facultada ao homem, considerando os preceitos para se chegar a ela. O homem não deve desanimar e sempre buscar o bem se detendo no bem estar dos amigos e da família.

Em consequência disso, a melhor forma é viver segundo a natureza e cultivando a virtude, pois ela não surge naturalmente e Sêneca nos convida a refletir sobre isso e o viver em sociedade, com espírito manso, partindo do conhecimento de que se obtém felicidade esforçando-se para ter uma vida virtuosa.

Entretanto, como todos os estoicos, saibas que sigo a natureza: é sábio não se distanciar dela e obedecer a seu exemplo e lei. A vida feliz é, pois, aquela adequada à natureza e alcançável em primeiro lugar pelo espírito sadio e perpétuo possuidor desta saúde; em segundo lugar pelo espírito forte, vigoroso e além de tudo paciente e apto a resistir a todas as provações, solícito – mas sem titubeios – aos cuidados do corpo, dedicado a procurar outras benesses que alegrem a vida, sem inebriar, gozando os dons da fortuna sem escravizar-se a ela. (SÊNECA, 1991, p. 27)

Sêneca tinha a preocupação de conquistar a vida plena por meio da felicidade. Escolheu o texto *A vida feliz* para escrever sobre suas ideias e utilizando o texto de Eurípides como modelo cria sua Medeia, adaptando-a para seu contexto.

O exemplo de Sêneca abre espaço para considerações e reflexões sobre a adaptação, a reescritura que ultrapassa fronteiras, favorecendo levar as obras clássicas para as aulas de Língua Portuguesa no ensino básico.

7. ADAPTAÇÃO (O PODER SUGESTIVO DA ADAPTAÇÃO: A REESCRITURA ULTRAPASSANDO LIMITES)

É de se realçar que, tal como Calvino (1993) expressa na obra *Por que ler os clássicos*, é através da leitura de bons livros que o leitor será capaz de ampliar suas experiências e vivências, aprendendo tornando-se um sujeito único.

Por isso, temos o desafio: como fazer com que esses leitores tenham alguma forma de acesso à boa literatura quando crianças ou jovens. Não necessitamos indicar para a leitura, um texto integral do conjunto de obras de renome, podemos optar por outras possibilidades, sendo que a adaptação de textos clássicos pode ser uma forma de aproximar os alunos (leitor infantojuvenil) das obras clássicas.

Estudos a respeito de adaptações aparecem relacionados a aspectos e conceitos de tradução, ou seja, o tema adaptação não é central. Quando abordado, seu papel é de complementar às reflexões sobre tradução. Entretanto, esse conceito também é concebido e associado a uma forma de simplificação ou empobrecimento dos textos originais, objetivando atender simplesmente aos interesses comerciais das editoras. Nesse caso, Amorim destaca:

Não estamos nos referindo à adaptação como objeto de estudos intersemióticos, mas ao conceito de adaptação empregado para designar as chamadas “histórias recontadas”, reescrituras de obras clássicas das literaturas estrangeira e nacional, direcionadas a um público específico, como o infantojuvenil. (AMORIM, 2005, p. 15-16)

Lefevere (1992, apud Amorim, 2005), contudo considera:

A literatura seria constituída tanto de textos quanto de seres humanos que efetuam leituras, escrituras e reescrituras numa determinada cultura, articulando e produzindo saberes que possibilitam sua manifestação como um produto cultural. (AMORIM, 2005, p. 27)

É interessante registrar que, em relação à nossa breve leitura da obra traduzida de Sêneca, nos defrontamos com um tradutor que teve que optar, fazer uma escolha de estilo, pois ele é um mediador responsável pela transposição do contexto cultural compreendendo o mundo e a época. Por isso entendemos que quando o tradutor entra em contato com uma mensagem original a partir de sua tradução, transformará a mesma em outra, utilizando as estratégias textuais que permitam transmitir os valores presentes na função discursiva da

língua de origem para a outra língua. Ideias que vão ao encontro das apontadas por Lefevere (1992), pois:

[...] os profissionais que produzem a reescritura ‘são responsáveis pela recepção geral e pela sobrevivência de obras literárias entre os leitores não profissionais, que constituem a maioria dos leitores em nossa cultura global’.

[...] de acordo com Lefevere, não seria o ‘valor intrínseco’ de tais obras (se é que ele existe como questiona o autor) que teria tornado possível sua reaparição no contexto da atualidade – mas, justamente, a existência de interesses com bases nos quais essas obras são retomadas e reescritas. (AMORIM, 2005, p. 28)

A reescritura ‘é produzida por profissionais (críticos, professores, tradutores, etc.) cuja leitura se materializa a forma como uma obra ou um autor pode se adequar a uma certa poética vigente em uma dada cultura’. (AMORIM, 2005, p. 29)

A adaptação literária, entretanto, não seria obrigatoriamente caracterizada por uma dependência integral aos parâmetros estabelecidos por uma determinada poética.

Johnson, (1994, apud Amorim, 2005), define:

[...] a tradução como sendo ‘mais fiel’ ou ‘próxima’ aos textos originais. Em contrapartida, as adaptações envolveriam mais ‘liberdade’, já que poderiam empreender maiores modificações em relação ao texto-fonte. (p.80)

Temos, portanto, manifesto que, ao assumir um papel de coautor, o tradutor assume igualmente que suas escolhas e elas estão diretamente relacionadas a si próprio e à sua comunidade, estão levando valores do grupo social e da cultura aos quais ele também pertence.

Gambier, (1992, *apud* Amorim, 2005), relata que se podem definir três sentidos relacionados à noção de adaptação:

[...] sem falar do processo social, cultural, que consiste em colocar-se em conformidade com as normas dominantes, em harmonizar-se com elas, sem integrar-se a uma nova rede de solidariedade, de valores, como por exemplo, a uma nova vizinhança; o expatriado se adaptado ou não ao país que o acolheu. (AMORIM, 2005, p.100)

A adaptação é concebida como prática de se ‘acrescentar e/ou realizar supressões para que o texto de chegada tenha o ‘mesmo efeito’ que o texto de partida, dando-se enfoque aos receptores (cultura e língua de chegada)’. (AMORIM, 2005, p.100)

Adaptação como ato de

fazer obra original a partir de uma outra, produzida ou não no mesmo sistema de signos – é a tradução intersemiótica de Jakobson: caso de um poema

transformado em música, de um romance “adaptado” para cinema, de uma peça de teatro “livremente adaptada” para a televisão, “da transposição” de Dickens, do Corão em histórias em quadrinhos [...]”. (AMORIM, 2005, p.101)

Gambier, (1992, apud Amorim, 2005),

considera que a observação dessas diferentes reescrituras permitiria analisar o quanto a “imitação pretendida é enriquecimento, invenção, modificação, forçando-nos, assim, a nos interrogarmos sobre as interferências entre plágio, pasticho, paródia e adaptação!”. (AMORIM, 2005, p.101)

Adaptação como gesto de

transformar um texto tendo em vista um determinado público, segundo critérios socioeconômicos declarados ou não: por exemplo, adaptação de Montaigne para um clube do livro, de Camus em “francês fácil” para estrangeiros [...]. (AMORIM, 2005, p.101)

Concluimos assim, traduzir é entrar em um universo permeado por relações que se atravessam, se interpenetram e que, às vezes, geram um novo texto. Mas, apesar de reconhecer os vários campos em que se inserem os diversos conceitos de adaptação, consideramos relevante a adaptação de clássicos da literatura, pois introduziria obras de difícil acesso, nas quais a linguagem estaria distante da linguagem com os quais os leitores (alunos) estariam habituados.

É o caso de *Medeia*, de Eurípedes, adaptada por Sêneca, que por sua temática universal e sempre atual e por isso, também, foi adaptada para as mais diversas formas de linguagem, como adaptações cinematográficas e televisivas, desenhos animados, e os trabalhos conhecidos como “adaptações” literárias em forma narrativa, entre outros.

A leitura na escola é sempre primordial. Diante dessa circunstância, as adaptações, tornam-se fortes aliadas como forma de trazer os clássicos da literatura para o ambiente escolar, além de proporcionarem a liberdade de mesclar realidade, ficção, introduzindo problemas sociais e permitindo a intertextualidade com outros textos clássicos nos quais estão os personagens mitológicos, os heróis. Tal qual Sêneca, que adaptou a *Medeia* de Eurípedes para sua época, é importante adaptar os clássicos mais importantes da antiguidade para a nossa.

Trata-se de uma sugestão instigante, refletir sobre o ideário de *Medeia* e *A vida feliz* na escola. E as propostas, experiências de estudiosos e professores, além dos desafios encontrados a seguir, constituem-se em uma inegável contribuição de levar os textos clássicos através das adaptações para a sala de aula e suscitar discussões.

8. REFLETINDO SOBRE O IDEÁRIO DOS TEXTOS NA ESCOLA (OS CLÁSSICOS ESTABELECENDO CONEXÕES)

Na perspectiva de textos antigos e dessa escrita, a filosofia é um caminho que se percebeu possível de ser trilhado por meio desse trabalho. Podemos chegar aos textos, nos quais o autor desenvolveu toda essa filosofia: a tragédia *Medeia* e a carta filosófica *A vida feliz*, de Sêneca. Como aproveitamento, no ensino das escolas de hoje, essa filosofia deve servir não para moralizar, mas para debater, instigar as discussões e levá-los às conclusões, facultar e proporcionar a reflexão.

Em que medida essa filosofia antiga é uma filosofia atual ou essas obras permanecem porque são clássicas? Estamos lidando com uma filosofia, entretanto são sentimentos humanos que são retratados nesses textos. Por isso, podemos discutir essa temática, dando atualidade a essa filosofia, sem perder a essência, mas pensando, igualmente, nesse contexto que é a escola hoje. A razão e a racionalização que estão no estoicismo, ser senhor das emoções, são temas passíveis de se refletir e por meio deles suscitar discussões em sala de aula.

Alguns estudos revelam uma recusa muito forte dos alunos do ensino médio, tanto das escolas públicas quanto das privadas, de ler os clássicos sendo continuamente alvo de reclamações, mostrando ainda que a indicação de livros da Literatura Clássica para leitura não contribui para formar um novo leitor, tampouco para solidificar uma outra prática de leitura. Para alguns desses estudiosos essa resistência advém da crença equivocada de que a leitura do livro clássico é uma leitura difícil e cansativa, sem muita aplicabilidade.

As dificuldades enfrentadas pelos professores no ensino de Literatura nas escolas de ensino básico é fato e muitas são as hipóteses apresentadas para que isto ocorra, entretanto é possível superar os obstáculos promovendo e incentivando a leitura da mesma.

Um grupo composto de cinco graduandos da UNIPAM realizou um estudo sobre esse assunto, utilizando experiências de professores e alunos, ambos atuantes no ensino médio. Nessa pesquisa de campo concluíram que “um número significativo de alunos conhece e até gosta de ler, mas não são incentivados”, sendo que muitos deles conhecem a Literatura Clássica, mas não estudam por uma resistência dos próprios professores em levá-la para a sala de aula. Durante os questionamentos, os alunos, relataram preferência pela leitura de obras de ficção, (livros de romance, livros policiais, livros de ficção científica etc.). Já, outros expuseram que preferem a leitura de jornais, revistas e artigos

variados na internet. Ao contrário do que as pesquisadoras esperavam, foram poucos os alunos que relataram que não gostavam de nenhum tipo de leitura.

Eis alguns dos motivos destacados:

Com base nas leituras prévias empreendidas, este trabalho partiu da hipótese de que os alunos são resistentes à leitura clássica por não terem sido apresentados corretamente a ela, ou por não terem material disponível. Hipotetizou-se também que há uma falha na formação e/ou atuação do corpo docente, pois muitos professores, por também não conhecerem a Literatura Clássica, acabam por não saber como apresentá-la a seus alunos. (Revista Crátulo, 7(1): 44-57, ago. 2014)

Com base nas leituras feitas para realizar esse trabalho, podemos perceber, entretanto, que o professor nem sempre é o culpado, pois muitas vezes, as escolas não disponibilizam um tempo para a aula de Literatura, e, em muitas escolas a aula de Literatura é dentro da aula de Língua Portuguesa. Assim, pode-se dizer que a falta de um tempo e espaço específico e especialmente dedicado para o ensino de Literatura nas escolas contribui para que o aluno desconheça os clássicos, assim como o impede de aprofundar-se em outras leituras. No entanto é possível dizer, também, que muitos professores acham difícil trabalhar a Literatura Clássica, pois tiveram pouco contato com ela, sendo complicado e difícil levar para a sala de aula e incentivar seus alunos a uma leitura que nem eles mesmos aprenderam a conhecer e gostar.

Em seu estudo sobre Literatura Clássica, Vieira (2010) relata o que Zilberman expressa em suas obras e a visão que possui da leitura das obras clássicas na escola:

Coloca que as instituições de ensino agregaram em sua grade curricular, nas disciplinas de Literatura, obras clássicas pelo simples fato destas serem cobradas no vestibular. O que se vê, hoje, são instituições de ensino nos moldes de cursinhos pré-vestibulares, estabelecendo uma disciplina rígida, que muitas vezes, desconsidera autores contemporâneos, devido ao curto prazo de tempo que possuem para serem trabalhadas em sala de aula. [...] Fixando-se em leituras rígidas, o estudante tem a obrigação de interpretar corretamente o texto, sem que haja um aval para que este o entenda de maneira gradativa, a importância da releitura passa longe do entendimento destes. O sentimento de impotência é grande em jovens estudantes, pois a insegurança de não entender o que está lendo agrega sentimentos conflituosos, podendo levá-los à rejeição plena da literatura. (VIEIRA, 2010, p.49)

Entretanto e partindo do pressuposto de que há uma falha no ensino da Literatura nas escolas entendemos que o papel do professor na maneira que atua, expondo e trabalhando na sala de aula é fundamental para mudar essa realidade adversa. Acreditamos ser possível de o professor, usando suas competências pedagógicas e metodológicas,

orientar os alunos para a leitura, proporcionando um primeiro contato com os clássicos. Um método que facilitou o aprendizado do aluno foi descrito pelo grupo de estudiosos da UNIPAM sobre esse tema:

Além de várias palavras e lendas que conhecemos atualmente, o cinema utiliza muito das obras clássicas para produzir filmes, como *Fúria de Titãs*, *Guerra dos Tronos* e *Harry Potter*, por exemplo, que faz muito sucesso, principalmente com o público em idade de curso do ensino fundamental e médio. Inúmeras pessoas desconhecem a relação dessas obras com o mundo clássico e, talvez, se soubessem disso, iriam resistir menos a sua leitura.

O professor, ao trabalhar literatura, deve usar métodos que instiguem o aluno a gostar e a procurar a leitura. Várias são as estratégias que podem ser utilizadas, mas cada uma deve ser escolhida com cautela, de acordo com o nível da turma trabalhada. [...] Uma estratégia eficaz e universal seria o ato de contar as histórias presentes nos livros, sem contar o final, de maneira a provocar a curiosidade nos alunos. (p.4, Revista *Crátilo*, 7(1): 44-57, ago. 2014)

Ainda, com relação ao papel do professor como responsável pela formação do aluno leitor e as dificuldades encontradas para obter êxito nesse intento, cabe salientar que o livro em sua forma tradicional (impresso) está concorrendo com todas as publicações midiáticas modernas e atuais. Na realidade, o ensino da escrita também concorre com a oralidade, por isso é fundamental a utilização de outras linguagens quando pensamos em levar os clássicos literários para a sala de aula. As pesquisadoras Tania M. Tod. e Maclovia Corrêia da Silva, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), corroboram com esta ideia e relataram sua experiência:

Inicialmente escolhemos a leitura de quatro clássicos da literatura Brasileira: “O cortiço” de Aluísio de Azevedo, “Senhora” de José de Alencar, “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto e “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. Utilizamos o disco compacto para contar as histórias como material auxiliar. O uso desse recurso da mídia eletrônica explora a audição humana e a imaginação. Há uma (des)construção da ideia preconcebida de que uma obra clássica traz consigo uma linguagem de difícil compreensão. A linguagem de difícil entendimento dos livros é facilitada pelos filmes, CDs. Além da escuta e da visão, a leitura efetiva das obras é o passo posterior. “Os Lusíadas” de Luis Vaz de Camões, da série descobrindo os clássicos, foram trabalhados de outra forma. Foram criadas aventuras instigantes para apresentar as grandes obras da literatura portuguesa e brasileira. O aluno leitor é convidado para uma viagem com Vasco da Gama e sua frota em busca do caminho marítimo para as Índias. O leitor navegará por águas de aventuras e poesia, sem o menor risco de naufragar, pois contará com a bússola das notas esclarecedoras do escritor, um estudioso da literatura portuguesa. Conhecida a capa, contracapa, notas informativas, ilustrações, conhecer a biografia do autor e, do adaptador e a rápida retomada de história, ajudam professor e aluno leitor a se aproximar da obra original. Representações, apresentações sucederam-se e foram coroadas de sucesso. (p. 1)

Destacam, igualmente, em seu trabalho o resultado obtido:

O texto literário, enquanto material de trabalho do professor de língua e de literatura é um recurso didático com muitas possibilidades de se alcançar bons resultados na formação de leitores. Ao trabalhar com estéticas diferentes foi possível incentivar os alunos-leitores a despertar o senso crítico e a capacidade de análise, favorecendo uma real interseção do leitor com o texto. Eles aumentaram os interesses pela língua e literatura e a produção de textos literários resultaram no reconhecimento do sistema de valores e nas possibilidades de reconstrução de visão de mundo. Perder a ingenuidade diante dos textos literários foi um objetivo alcançado, e os alunos-leitores perceberam que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma intenção, uma visão de mundo, um sentido, o que implica responder ao texto, concordando ou discordando dele, rindo dele, emocionando-se com ele, comparando-se, aplaudindo-o, rejeitando-o, assimilando-o, e vivendo o texto. Eles assumiram a condição de leitor, liberando a capacidade de atribuir sentido aos textos, como aos gestos e à vida, sendo leitores-sujeitos, críticos e criativos ao mesmo tempo. Para o professor, isso implicou em colocar-se criticamente em relação ao texto e respeitar a leitura do outro. A criação de significados foi o ponto de partida e o de chegada para recriar o mundo, trabalhar a complexidade da condição humana, o real e o imaginário, jogo das paixões humanas, a metáfora como apoio à literatura. (p. 1-2)

Esses estudiosos propõem reflexões sobre o ensino de literatura e visam apontar propostas pedagógicas que possibilitem uma aprendizagem e um incentivo de leitura mais significativo. Nessa concepção, a escola necessita ser entendida como espaço formal para democratização do conhecimento e contribuindo para a leitura dos clássicos ou não. O que garante ao aluno (leitor) maiores possibilidades de atuar e transformar a sociedade e o ambiente em que vive.

Para enriquecer nossa abordagem sobre literatura na escola, resgatamos, também, as ideias de Vieira (2010) para a qual a Literatura Clássica adaptada fornecida às escolas e utilizada pelos professores estimula a leitura das obras originais:

Como apontado anteriormente, o estudo sobre o estímulo que essas obras proporcionam ou não da original, foi dado justamente pela ignorância dos alunos quanto ao que seria uma obra adaptada. As escolas agregam no plano de ensino sem o mínimo de trabalho em torno delas. Trabalhos estes, que poderiam estar voltados à compreensão dos alunos quanto a sua funcionalidade no meio educacional, a demonstração da obra original, enfim, metodologias de trabalhos que incentivem a leitura futura da obra original. (VIEIRA, 2010, p. 88)

O adaptador serve de intermediário entre o leitor e a primeira versão (o clássico), além de possibilitar ao aluno desenvolver, igualmente, o gosto pela leitura, fluência e desinibição no ato de escrever ou falar.

Reproduzir e explorar alguns aspectos e orientações presentes nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* e na *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, na sequência tem como objetivo discutir o lugar da literatura e o papel do professor no contexto escolar.

9. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (RECORTES E RETALHOS)

Para planejar e organizar o trabalho, diante da intenção de levar os clássicos para a sala de aula como prática pedagógica, com *Medeia* e o tratado filosófico *A vida feliz*, de Sêneca, foi necessário fazer a leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Já de início, no que se refere à literatura, questionamos o fato de esta disciplina estar inserida no conteúdo a ser ministrado como Língua Portuguesa, e nesse sentido, onde ficaria o espaço para leitura, da Literatura no ensino? A seguir passamos a pontuar alguns aspectos dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, considerados importantes para orientar as práticas pedagógicas.

As diretrizes têm como referência a perspectiva de criar uma escola média com identidade, que atenda às expectativas de formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo.

Cabe ao leitor entender que o documento é de natureza indicativa e interpretativa, propondo a interatividade, o diálogo, a construção de significados, na, pela e com a linguagem. (PCNs Ensino Médio, parte II, p. 4)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, parte II, mostram como devemos trabalhar a disciplina de Língua Portuguesa na escola, além de ter a finalidade de delimitar a área das linguagens, códigos e suas tecnologias. Entretanto não especificam como e quando levar a literatura para a sala de aula, já que o espaço dado à Literatura é inserido nas aulas de Língua Portuguesa, dando continuidade ao ensino a respeito da linguagem.

O espaço da língua portuguesa na escola é garantir o uso ético e estético da linguagem verbal; fazer compreender que pela e na linguagem é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal; aceitar a complexidade humana, o respeito pelas falas, como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano, mesmo que, no jogo comunicativo, haja avanços/retrocessos próprios dos usos da linguagem; enfim, fazer o aluno se compreender como um texto em diálogo constante com outros textos.

Ao ler este texto, muitos educadores poderão perguntar onde está a literatura, a gramática, a produção do texto escrito, as normas. Os conteúdos tradicionais foram incorporados por uma perspectiva maior, que é a linguagem, entendida como um espaço dialógico, em que os locutores se comunicam. Nesse sentido, todo conteúdo tem seu espaço de estudo, desde que possa colaborar para a objetivação das competências em questão. (PCNs, Ensino Médio, parte II, p. 23)

Em se tratando da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394/96, que dita as diretrizes e bases da organização do sistema educacional brasileiro, fixa normas gerais do ponto de vista das finalidades do Ensino Médio relatadas na Seção IV:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (LDB, p. 33)

E do ponto de vista das Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio, definidas pela LDB, em seu Artigo 36 destaca-se:

I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II - adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes;

III - será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

§ 1º. Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;

III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

§ 2º. O ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas.

§ 3º. Os cursos do ensino médio terão equivalência legal e habilitarão ao prosseguimento de estudos.

§ 4º. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional, poderá ser desenvolvida nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional. (LDB, p. 33- 34)

Desse breve relato relacionado às finalidades do Ensino Médio, podemos refletir sobre uma questão relacionada ao ensino de Língua Portuguesa. Significa, então, que o ensino da Literatura está totalmente subordinado ao conceito que o professor tem de literatura, dependendo dele, abordá-la com um caráter exclusivo de exercício escolar, ou optando por um ensino de Literatura que priorize um aprendizado real, prazeroso e eficiente, ou seja, é importante que ele compreenda que sua função não é simplesmente a de ensinar, mas, igualmente, aprender com os alunos na aula de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, além dos esforços para mudar as orientações teóricas e metodológicas da Literatura no livro didático, chama-se a atenção para a necessidade de formação literária dos professores de Português, sobretudo no âmbito da proximidade com a pesquisa e, conseqüentemente, do vínculo com a universidade, em percurso de mão dupla, já que essa não pode jamais esquecer seu compromisso com a educação básica. Além de mediador de leitura, portanto leitor especializado, também se requer do professor um conhecimento mais especializado, no âmbito da teoria literária. (PCNs Ensino Médio, parte II, p. 75)

Infelizmente, muitos educadores acabam trabalhando a Literatura em sala com objetivos restritos à leitura e posterior produção textual, esquecendo que ela pode ser usada como um instrumento de ensino que oportunize ao aluno viajar, deleitar-se, sentir prazer, usar seu imaginário, além de proporcionar aprendizagem.

Para as ciências humanas, tanto quanto para a Filosofia, a educação brasileira determina uma grande responsabilidade pedagógica conforme é destacado no artigo 35 da LDB. Já em se tratando das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, o destaque é dado objetivando a constituição de competências e habilidades que permitam ao educando:

- a) compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de: organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação;
- b) confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas;
- c) analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção;
- d) compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade;
- e) conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais;
- f) entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem solucionar;

- g) entender a natureza das tecnologias da informação como integração de diferentes meios de comunicação, linguagens e códigos, bem como a função integradora que elas exercem na sua relação com as demais tecnologias;
- h) entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social;
- i) aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida. (LDB, p.95)

O docente, ao pensar o ensino de Literatura, inserido na disciplina de Língua Portuguesa, possui um grande desafio. Como se pode levar a literatura para a sala de aula, isto é, ensinar literatura tendo em vista a evolução constante na ciência, na arte e o crescimento tecnológico. O pioneirismo em nossas ações é fundamental para acharmos o caminho, pois a produção de conhecimento não ocorre mais somente entre quatro paredes, formatos tradicionais da sala de aula, mas em ambientes diversos.

A partir do que expomos até aqui, e seguindo o objetivo de nosso trabalho que é mostrar a possibilidade de levar os clássicos para a sala de aula, através de *Medeia*, orientados pelo pensamento filosófico de Sêneca, difundido em *A vida feliz*, nosso foco passa a ser os PCNs que tratam das Ciências Humanas e suas Tecnologias, mais especificamente a Filosofia, pois a Filosofia é uma via de acesso que se percebeu durante este estudo, a qual permitiria levar esses textos como proposta pedagógica para a sala de aula.

Os PCNs que tratam das Ciências Humanas e suas Tecnologias pontuam aspectos importantes, relacionados ao ensino, à filosofia, os quais consideramos relevante destacar. Neles existe a preocupação em fazer um recorte, do amplo universo de conhecimentos filosóficos que serão desenvolvidos nesse nível de ensino, com o intuito de atender à demanda legal. Importante também lembrar que a nossa legislação delega um papel fundamental para a Filosofia no Ensino Médio.

Devemos levar isso em consideração e referirmo-nos sempre ao espírito de uma legislação que destina um papel primordial para a Filosofia no Ensino Médio. Isso fica mais claro quando apontamos o foco para a interdisciplinaridade, proposta como eixo estruturante a ser privilegiado em toda formulação curricular e o modo como devem ser tratados os conhecimentos filosóficos, conforme indicado expressamente na Resolução 03/98, a saber, no § 2o, alínea b do Artigo 10 – “As propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado para os conhecimentos de filosofia”. Assim, o papel da Filosofia fica alargado e poderemos, a partir de qualquer posição em que estivermos, ajudar a pôr em marcha a cooperação entre as diferentes perspectivas teóricas e pedagógicas que compõem o universo escolar. (PCNs, Parte IV p.45-46)

Poderíamos dizer que a cidadania é a finalidade síntese da Educação Básica, a qual prioriza o contexto do trabalho como sentido prático para a sua realização. Já, em se tratando das finalidades da Filosofia no Ensino Médio de acordo com a Lei 9394/96 e conforme dispostos nos PCNs, considera em primeiro lugar a cidadania, estando diretamente associadas às finalidades da Educação Básica ou às diretrizes de sua área de ensino, sendo que o ponto de partida seriam os valores tematicamente apresentados na Lei 9394/96, conforme dispostos na Resolução N° 03/98:

I - os fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, ao respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - os que fortaleçam os vínculos de família, os laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca.

Tais valores, nucleados a partir do respeito ao bem comum e da consciência social, democrática, solidária e tolerante, permitem identificar mais precisamente a concepção de cidadania que queremos para nós e que desejamos difundir para os outros. Eles projetam um ethos que, embora se refira à totalidade do ser humano, deixa-se clarificar em três dimensões distintas: estética, ética e política. (PCNs, Parte IV p.48)

Nesse sentido, o desenvolvimento dessa proposta deve propiciar ao aluno manter um primeiro contato com esses textos clássicos latinos e desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre os pensamentos filosóficos neles difundidos. Partindo dessas ideias, cabe ao professor decidir qual cidadão quer ajudar a formar, e qual tipo de cidadania quer transmitir para os outros, baseados em valores que respeitam o bem comum e produzem a consciência social e a democracia, pois a cidadania se manifesta em três dimensões: estética, ética e política.

Na estética, conhecer a si mesmo e aceitar a diferença, são pontos fundamentais.

Já, na ética, diferente do anterior, a cidadania deve ser compreendida como noção e atitude de respeito universal e liberdade na tomada de posição, se solidarizando com o outro, mas também exercendo a liberdade de criticar o que está errado, e a nossa identidade autônoma.

Do ponto de vista político, a cidadania só pode ser entendida plenamente na medida em que possa ser traduzida em reconhecimento dos direitos humanos, prática da igualdade de acesso aos bens naturais e culturais, atitude tolerante e protagonismo na luta pela sociedade democrática. É o aspecto que poderíamos chamar de participação democrática.

Partindo de todos esses conceitos, e nessa perspectiva, com os preceitos pregados por Sêneca podemos contribuir para a transmissão de valores, além de formar cidadãos de

bem, ou seja, por meio dos recursos de que se dispõe, tentar aproximar o real do ideal. O fundamental de todo o ensino é, o que pretendemos, facultar ao aluno a competência de leitura e análise considerando a realidade dele, para que possa desenvolver seu senso crítico, analítico, investigativo, questionador, reflexivo e possibilitando fazer uma leitura transdisciplinar do mundo.

O desafio de levar os textos clássicos como proposta pedagógica, proporcionando uma discussão filosófica e problematizando as atitudes de *Medeia*, contribuirá para a formação de sujeitos comprometidos com a sua realidade e capazes de intervir para transformar a sociedade, ao agir sobre o conhecimento do aluno, pois, o objetivo do professor ao trabalhar com as linguagens, utilizando a Filosofia na escola é para que o aluno adquira e tenha acesso a uma educação geral, que contemple a sua dimensão literária e humanista. Com esse pensamento devemos concluir e passar para as considerações finais fazendo um convite a repensar o ensino de Literatura Clássica no ensino básico.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sêneca, ao adaptar *Medeia*, partindo da obra de Eurípides, nos permitiu conhecer um pouco mais sobre a adaptação, além de conhecer outros textos com a mesma temática, adaptados para a atualidade. Igualmente, através dela refletimos sobre a natureza humana, quer seja na linha dos sentimentos e emoções, quanto no campo social. Merece registro, a preocupação de Sêneca em formar o bom cidadão, insistindo que o homem sábio é aquele que vive uma vida desapegada de bens materiais, pregando que a verdadeira felicidade advém de se ter uma vida virtuosa. Mais do que pensar que Sêneca foi um dos maiores escritores latinos, é dizer que ele foi um autor que imaginou possível um modo de vida e uma concepção de mundo e do espírito, nos quais estão inclusos a liberdade da consciência individual e o compromisso ético.

O seu texto filosófico *A vida feliz* reflete a sua maneira de pensar, realça o valor de uma vida virtuosa que leva à felicidade. Já nesse tempo, suas ideias manifestavam o propósito de difundir seu pensamento filosófico. Não foi sem razões ponderáveis, portanto, que serviu de fonte inspiradora e forneceu subsídios indispensáveis ao exercício da crítica e à execução deste trabalho.

É preciso considerar que *Medeia* e *A vida feliz*, de Sêneca, são textos clássicos, pois carregam em si características fundamentais de temática da permanência, do sempre novo,

do texto que sempre tem o que dizer, conforme lembra Calvino, apresentando-se como obra de incentivo para muitos autores que se identificaram com a sua temática para suas publicações e reescritas. Assim sendo, e por isso, consideramos relevante levar esses mesmos clássicos para a sala de aula através de uma proposta pedagógica, pensando em proporcionar uma melhor reflexão, além de uma discussão filosófica.

É importante ainda mostrar que, para Calvino (1993), o ato de ler os clássicos parece contrariar nosso ritmo de vida e o ecletismo da nossa cultura. Seja como for, para ele os clássicos devem ser lidos.

A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos. (CALVINO, 1993, p.16)

O movimento visando levar os clássicos para a aula de literatura perpassa os Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais orientam como trabalhar a disciplina de Língua Portuguesa na escola, além de delimitar a área das linguagens, códigos e suas tecnologias e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que orienta e fixa normas gerais do ponto de vista das finalidades do Ensino Médio.

Certamente a aula de Língua Portuguesa e de Literatura oferecem possibilidades para o desenvolvimento de práticas educativas globalizadas, porém, cabe aos professores terem a consciência de seu compromisso e responsabilidade de contribuir para a formação de homens e mulheres capazes de mudar o rumo da sociedade em que vivem, isto é, formar sujeitos que possuem a capacidade necessária para intervir, criticar o meio no qual estão inseridos.

Em todo caso, porque não é possível nos esquecermos do horror, temos o dever de lutar e o direito de esperar que um trabalho bem feito de nossa parte possa contribuir para a formação de homens mais dignos, livres, sábios, diferentes e iguais, capazes até, ao invés de se adaptar, de recusar o mundo tal como está proposto nos termos atuais e engajar-se ativamente em sua transformação, com vistas a uma convivência mais justa e fraterna. É pedir demais que esse viver seja, quem sabe, mais feliz? (PCNs, Parte IV p. 63)

Dessa forma, é importante partir da bagagem que o aluno traz, considerando seus conhecimentos a respeito da língua, o que ele sabe e não sabe, pois o ensino de língua materna lida com as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever, sendo que ler e escrever ocorre na escola e a partir dela vai tornando-se uma prática social mais ampla. Devemos buscar um conhecimento maior e ter como fundamento a comunicação. Conforme as

orientações Curriculares para o Ensino Médio, a língua varia no tempo e no espaço, por isso torna-se importante trabalhar as variedades linguísticas e sua contextualização.

Poderíamos levar como proposta de uma aula de Literatura Clássica, já que os jovens da atualidade gostam de adaptações cinematográficas, uma sessão de cinema orientada com o filme *Medeia*, tendo em vista a teoria da adaptação, e, a retomada do clássico. É uma via para que se conheça o original, servindo como primeiro contato, além de permitir aos estudantes se familiarizarem com essa obra importante.

Ler esses textos e assistir o filme é achar uma via para fazer chegar aos jovens e adolescentes tanto o debate filosófico quanto os clássicos. Mas buscar a racionalidade como forma de reflexão a partir do exemplo de Medeia de pessoa vingada e o vingador, ambos sofrem por ciúme, traição, vingança. Na sequência, o professor terá a oportunidade de apresentar Sêneca aos alunos, relatando alguns fatos de sua biografia, pontuando a época em que viveu e suas principais obras.

Seguindo essas sugestões e usando muita criatividade é possível promover a leitura da Literatura Clássica, assim como promover a leitura de toda literatura que proporcione ao aluno desenvolver suas capacidades intelectuais e cognitivas além de proporcionar-lhe prazer.

O desafio do professor é ensinar na escola e o aluno deve ter acesso a uma educação geral, que o prepare para viver feliz e realizado em sociedade. Para isso, o professor necessita de um planejamento que formule a previsão de metas, programando ações e procedimentos.

Como a Literatura fica como um retalho dentro desse tecido todo que é a Língua Portuguesa, cabe ao professor planejar e organizar um projeto educacional que possibilite à produção do conhecimento considerando o ensino de literatura, a leitura, a produção de texto e a reflexão sobre os recursos mobilizados nestas duas atividades. Entendo a importância da teoria do gênero discursivo para o ensino de Português, entretanto é fundamental aqui, o papel do professor como mediador, que vai assegurar a literatura e os clássicos na sala de aula introduzindo gradativamente, para que os alunos se familiarizem com os textos, autores e temas. Cabe ao professor orientar, pois é compreensível que o ensino de Língua Portuguesa, nessa perspectiva, contribua para a formação crítica e reflexiva do aluno, potencializando-o para atuar efetivamente na sociedade. Entendemos também que devemos buscar soluções e estratégias que visem ensinar com qualidade, pois essa ação pedagógica é apenas uma etapa do planejamento do professor.

Em se tratando da proposta pedagógica aqui relatada, meu objetivo nesse trabalho não é aplicá-la, mas mostrar uma possibilidade. Esta é apenas mais uma proposição que pode servir de base e incentivo a novos trabalhos e ações estratégicas, que contribuam para uma visão mais ampla sobre o ensino de literatura, além disso, pensar a importância de incluir e difundir os clássicos nas aulas de Língua Portuguesa através de iniciativas diferenciadas.

Assim, toda essa reflexão a partir desse trabalho me levou a pensar na possibilidade de escrever, num trabalho posterior, *A Cartilha do Bem Viver para estudantes do ensino básico*, baseada no pensamento filosófico de Sêneca.

Referências

Adaptação para novos leitores: como a literatura clássica adaptada fornecida a escola do ensino público e utilizada pelos professores no processo de ensino estimula a leitura de obras originais. PDF. Disponível em:

http://www.sbpcnet.org.br/livro/58ra/senior/RESUMOS/resumo_1551.html. Acesso em 18 de set. de 2014.

AMORIM, Lauro Maia. **Tradução e adaptação: Encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kevin, de Rudyard Kipling.** São Paulo: Editora Unesp, 2005.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **A poética clássica: Aristóteles, Horácio, Longino; introdução.** 7 ed., Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 12 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

BUARQUE, Chico e PONTES, Paulo. **Gota d'água.** Inspirado em concepção de Oduvaldo Vianna Filho. 32. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** 9 ed. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

ESTPHANIDES, Menelaos. **Jasão e os argonautas.** Tradução: Marylene P. Michael; revisão técnica e notas Luiz A. Machado Cabral; Ilustração Iannis Stephanides. São Paulo: Odisseus, 2000.

ESTPHANIDES, Menelaos. Mitologia Helênica. In: **Jasão e os argonautas.** Tradução: Marylene P. Michael; revisão técnica e notas Luiz A. Machado Cabral; Ilustração Iannis Stephanides. São Paulo: Odisseus, 2000.

EURÍPIDES. **Medéia; Hipólito; As troianas;** tradução do grego, apresentação e notas, Mario da Gama Cury. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Formando o leitor aluno de clássicos: uma vivência com alunos do ensino fundamental. Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25758/000755133.pdf>. Acesso em 18 de set. de 2014.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma.** São Paulo: Contexto, 2001.

HOUAISS. **Dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos.** São Paulo: Ática, 2009.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Literatura clássica: os desafios para incentivar esse tipo de leitura. Disponível em: <http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/37355/Literatura++Cl%C3%A1ssica+-+os+desafios+para+incentivar+este+tipo+de+leitura.pdf>. Acesso em 18 de set. de 2014.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO, Volume 1: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias/ Secretaria de Educação Básica, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (ENSINO MÉDIO), parte II. Linguagens, Códigos e suas tecnologias, 2000.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (ENSINO MÉDIO), Parte IV - Ciências Humanas e suas Tecnologias, 2000.

PASOLINI, Pier Paolo. cineasta italiano - filme **Medeia** em 1969.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira e CORSO, Gizele Kaminski. **Literatura e ensino I: 9º período.** Florianópolis: UFSC/CCE/LLV, 2013.

SANTOS, Ronildo Alves. **Sobre a virtude estoica.** UNICAMP, 2002. PDF. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/documento/?view=vtls000266089 Acesso em 14 de dezembro de 2014.

SÊNECA. **A vida feliz.** Tradução Bartholomeu; revisão técnica Aercio Flávio Consolin. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 1991.

SENECA. **Medeia.** In: *Obras.* Trad. André Bartholomeu. S.P.: Pontes Editores, 1991. p. 79 – p. 110 e Notas: p. 122 – p. 135.

SÊNECA. **Medeia.** Tradução do latim, introdução e notas: Ana Alexandra Alves de Sousa Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Edição: 1ª/2011.